

## Nota sobre o sistema de parentesco em Proto-Tupí-Guaraní A note on the kinship system in Proto-Tupí-Guaraní

Joshua Birchall<sup>I</sup>, Luis Henrique Oliveira<sup>II</sup>, Fiona M. Jordan<sup>III</sup>

<sup>I</sup>Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTIC. Belém, Pará, Brasil

<sup>II</sup>Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil

<sup>III</sup>University of Bristol. Bristol, Reino Unido

**Resumo:** Este estudo explora o sistema de terminologia de parentesco da língua Proto-Tupí-Guaraní (PTG) a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que soma contribuições da Etnologia, da Linguística Histórica e dos trabalhos etnográficos realizados com povos Tupí-Guaraní. Fazem-se inferências sobre pré-história cultural utilizando métodos filogenéticos comparativos, um conjunto de ferramentas computacionais para explorar mudanças evolutivas em populações relacionadas, aplicados a um banco de dados de termos de parentesco em 24 línguas Tupí-Guaraní. Discute-se a amostra usada no estudo, os procedimentos de codificação adotados para dados tipológicos e os componentes, valores iniciais e premissas do modelo evolutivo. A análise de reconstrução de estados ancestrais baseada no critério de máxima parcimônia reconstrói vários traços tipológicos do sistema de parentesco do PTG, como: fusão e bifurcação na primeira geração ascendente (+1); distinções na terminologia de irmãos baseadas na idade relativa e no sexo do ego; e equação terminológica entre irmãos e primos paralelos. O estudo avalia o estado atual da reconstrução de formas linguísticas para termos de parentesco em PTG e mapeia estas formas no sistema inferido por análise comparativa. Este estudo de comprovação de conceito demonstra a utilidade de análise filogenética para inferir estruturas de sistemas de parentesco em comunidades linguísticas ancestrais.

**Palavras-chave:** Parentesco. Etnologia indígena. Linguística histórica. Filogenética computacional. Tupí-Guaraní.

**Abstract:** This study explores the kinship terminology of Proto-Tupí-Guaraní (PTG) through an interdisciplinary perspective that draws on ethnology, historical linguistics, and the ethnography of Tupí-Guaranian peoples. Inferences about cultural prehistory are made through phylogenetic comparative methods, a suite of computational tools for exploring evolutionary change in related populations, applied to a dataset of kinship terms from 24 Tupí-Guaranian languages. The study outlines the coding procedure for typological data, along with the parameters, inputs, and assumptions of the evolutionary models. Parsimony-based ancestral state inference is used to reconstruct a number of typological features of the kinship system of PTG, such as fusion and bifurcation in the first ascending generation (+1), relative age and sex-based distinctions in sibling terminology, and terminological equation between siblings and parallel cousins. The current state of reconstruction of the linguistic forms for kinship terms in PTG is reviewed, and these forms are mapped onto the system inferred through comparative analysis. This proof-of-concept study demonstrates the utility of phylogenetic analysis for inferring kinship structures in ancestral language communities.

**Keywords:** Kinship. Indigenous ethnology. Historical linguistics. Computational phylogenetics. Tupí-Guaraní.

---

BIRCHALL, Joshua; OLIVEIRA, Luis Henrique; JORDAN, Fiona M. Nota sobre o sistema de parentesco em Proto-Tupí-Guaraní. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 1, p. 79-99, jan.-abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000100006>.

Autor para correspondência: Joshua Birchall. Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTIC. Coordenação de Ciências Humanas. Av. Perimetral, 1901 – Terra Firme. Belém, PA, Brasil. CEP 66077-830 (jbirchall@museu-goeldi.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6110-6904>.

Recebido em 04/06/2018

Aprovado em 18/12/2018



## INTRODUÇÃO

Para entender a história cultural de uma população, a Etnologia, enquanto ciência empírica focada em compreender como são as culturas de diversos povos, também visa a apreender como essas culturas se constituíram ao longo do tempo. No entanto, em razão do pouco acesso a observações diretas sobre mudanças culturais, é preciso inferir a respeito de suas dinâmicas e seus processos por meio de métodos indiretos (Boas, 1920, p. 314-315). Com o intuito de lançar luz sobre essa problemática, originalmente proposta por Franz Boas, Claude Lévi-Strauss sugere que:

Os milhares de sociedades que existem ou que já existiram sobre a terra constituem vários experimentos, os únicos de que podemos nos servir para formular e testar hipóteses, uma vez que não é possível construí-los, nem replicá-los em laboratório [...]. Tais experimentos, representados por sociedades diferentes da nossa, descritas e analisadas por antropólogos, fornecem uma das formas mais seguras para entender o que acontece na mente humana e como isso se opera. É para isso que serve a antropologia de modo geral e é isso que esperamos dela a longo prazo. (Lévi-Strauss; Kussell, 1971, p. 49).

Desde sua fundação, no início do século passado, a Antropologia moderna reconheceu que era preciso avaliar a história das populações, a fim de compreender o desenvolvimento do conceito de cultura e de culturas. Contudo, havia um obstáculo: “Os maiores e mais importantes aspectos de uma cultura não deixam vestígios no solo; língua, organização social, religião – em suma, tudo o que é imaterial – desaparece com a vida de cada geração” (Boas, 1948, p. 250). Na Amazônia, cujo registro histórico remonta ao início do século XVI e que chega a ser bem mais recente em algumas regiões, as notas etnográficas sobre suas populações indígenas são, em muitos casos, as principais informações disponíveis sobre as práticas e os costumes desses povos naquela época e nos dias de hoje. Se o objetivo é alcançar um passado mais remoto, embora indiretamente, por inferência, faz-se necessária, então, uma aproximação da história dessas populações. Seguindo as orientações de Mace e Pagel (1994), etnólogos modernos, interessados em processos históricos, têm adotado filogenias linguísticas como aproximações da história de populações que pertencem à mesma família linguística, o que possibilita a reconstrução de elementos culturais no passado (Jordan, 2011).

Os povos falantes de línguas da família Tupí, especialmente do ramo Tupí-Guaraní, sempre tiveram papel fundamental na tradição etnológica brasileira e em nossa concepção das culturas indígenas da Amazônia. Desde as primeiras descrições dos habitantes indígenas do litoral brasileiro no início da colonização, diversos autores vêm tentando elucidar e descrever a organização social desses povos, especialmente em relação a como designavam seus parentes. A primeira descrição do Tupí Antigo – a língua Tupí-Guaraní falada pelos povos do litoral, como os Tupinambá e os Tupiniquim –, elaborada pelo Pe. José de Anchieta, inclui uma breve lista de termos de parentesco, que reconhece, nessa língua, o emprego de termos distintos para irmãos de idades relativas diferentes (mais velhos ou mais novos que o ego), e que também variam de acordo com o sexo do ego (Anchieta, 1595, p. 14). No seu catecismo publicado no início do século XVII, Pe. Antônio de Araújo incluiu uma lista extensa de termos de parentesco que revela assimetrias no sistema em outras gerações, além da geração do ego, assim como demonstra a diferença no tratamento de tios maternos e paternos (Araújo, 1618). O trabalho de Ruiz de Montoya (1639) com o Guaraní Colonial também reconheceu estruturas semelhantes na terminologia de parentesco nesta língua, falada nas missões paraguaias no século XVII.

Trabalhos etnológicos modernos com povos indígenas da Amazônia também têm dispensado bastante atenção à descrição da organização social de povos falantes de línguas Tupí-Guaraní. Incluem-se aí Galvão e Wagley (1946), que apresentam uma comparação dos termos de parentesco em Tapirapé, Tembé, Guaraní Kaiowá e na Língua Geral, reconhecendo várias estruturas em comum entre as quatro línguas, a ponto de identificar um ‘sistema Tupí’

muito semelhante aos sistemas de parentesco dos povos Iroquois e Dakota, da América do Norte<sup>1</sup>. Trabalhos comparativos sobre as sociedades amazônicas como um todo também observaram o papel fundamental de sistemas de parentesco com uma fusão bifurcada na primeira geração ascendente, o que levou Viveiros de Castro e Fausto (1993) a identificarem o 'dravidiano amazônico' como o sistema típico da região, em contraste aos sistemas 'semicomplexos' do Brasil central. Com o despertar de um interesse renovado na descrição dos sistemas de parentesco nas línguas indígenas dentro da etnografia sul-americana moderna, dezenas de descrições desse aspecto de organização social foram publicadas nas últimas décadas.

Neste artigo, é proposta uma análise comparativa dos sistemas de terminologia de parentesco em uma amostra de línguas Tupí-Guaraní com dois objetivos. O primeiro é apresentar e catalogar, de forma explícita, a diversidade observada nos sistemas terminológicos de parentesco para a primeira geração ascendente e a mesma geração do ego em uma amostra de línguas Tupí-Guaraní. O segundo objetivo é inferir indiretamente e reconstruir, quando possível, informações sobre o sistema de parentesco na língua ancestral que deu origem a todas as línguas Tupí-Guaraní modernas, o Proto-Tupí-Guaraní.

Na próxima seção, discutem-se os métodos comparativos empregados para fazer essas inferências sobre o passado. Descreve-se a amostra de línguas utilizada e a codificação dos traços tipológicos referentes ao sistema terminológico de parentesco de cada língua sob comparação. Posteriormente, apresentam-se os resultados de uma análise comparativa e se discutem quais aspectos do sistema de parentesco em Proto-Tupí-Guaraní podem ser inferidos destes resultados. Logo após, apresenta-se o estado atual da reconstrução linguística dos termos de parentesco em Proto-Tupí-Guaraní e mapeiam-se esses termos acima da tipologia do sistema inferida pela análise comparativa. Assim, demonstra-se como a Etnologia Indígena pode dialogar com a Linguística Histórica e com métodos comparativos quantitativos para fazer inferências sobre o passado, a fim de melhor compreender as dinâmicas e os processos que resultaram na diversidade de sistemas, atualmente observada neste grupo de línguas.

## METODOLOGIA

### AMOSTRA DE LÍNGUAS

Selecionou-se, como amostras, todas as línguas Tupí-Guaraní nas quais se identificaram termos de parentesco coletados a partir de investigação em campo com falantes nativos destas línguas, em fontes às quais se obteve acesso e cujo material é confiável. Incluiu-se pelo menos um membro de cada ramo identificado na classificação atual das línguas Tupí-Guaraní apresentada em Michael et al. (2015), sendo obtidos dados para 24 das 30 línguas incluídas neste estudo. As línguas selecionadas na amostra deste estudo estão listadas no Quadro 1.

Os dados coletados para cada língua foram armazenados em um banco de dados, em que cada entrada representa uma relação em uma língua, explicitando variação entre termos referenciais e vocativos e também distinções condicionadas pelo sexo do ego, junto com a fonte dos dados e a página na qual o termo foi localizado. Quando possível, também se incluíram transcrições ortográficas e fonêmicas, além de outros comentários pertinentes sobre o termo em questão.

---

<sup>1</sup> Vários outros trabalhos de meados do século passado tentaram identificar um sistema típico de parentesco das línguas e sociedades Tupí, como em Laraia (1971), e especialmente as Tupí-Guaraní, como em Macdonald (1965). Essas tentativas geralmente foram abandonadas por autores subsequentes.

Quadro 1. Amostra de línguas Tupí-Guaraní.

Língua	Glottocode	Fonte
Aché	ache1246	Thompson (2019)
Anambé	anam1249	Arnaud e Galvão (1969); Julião (2005)
Araweté	araw1273	Viveiros de Castro (1986)
Asurini do Tocantins	toca1235	Arnaud (1963)
Avá-Canoeiro	avac1239	Silva (2005)
Chiriguano	east2555	Dietrich (1986)
Emerillon	emer1243	Hurault e Fresnay (1963); Rose (2018)
Guajá	guaj1256	Cormier (2003); Garcia (2010)
Guaraní Kaiowá	kaiw1246	Galvão e Wagley (1946)
Guaraní Mbya	mbya1239	Dietrich (2014); Dooley (2006)
Guaraní Paraguai	para1311	Guasch (1948)
Guarayu	guar1292	Hoeller (1932); Dietrich (1986)
Kamaiurá	kama1372	Seki (2000)
Kayabí	kaya1329	Weiss (1985)
Ka'apor	urub1250	Kakumasu, J. e Kakumasu, K. (2007)
Kukama-Kukamilla	coca1259	Vallejos e Amías Murayari (2015)
Parakanã	para1312	Fausto (1995)
Parintintin	tenh1241	Peggion (1996)
Pauserna	paus1244	Ramirez et al. (2017)
Sirionó	siri1273	Holmberg (1950)
Tapirapé	tapí1254	Galvão e Wagley (1946)
Tembé	temb1276	Galvão e Wagley (1946)
Tupí Antigo	tupí1273	Araujo (1618); Barbosa (1956)
Wayampí	waya1270	Grenand (1989)

O banco de dados integral será publicado futuramente *online* como parte do *KinBank*, um repositório interativo para termos de parentesco em línguas do mundo, hospedado na Universidade de Bristol (UK) e financiado pelo *European Research Council*. Note-se que não foi possível incluir dados sobre os termos de parentesco para seis das línguas incluídas em Michael et al. (2015): Asurini do Xingú, Omagua, Yuki, Nandeva, Xetá e Tapiete. Essas línguas foram removidas da árvore na análise apresentada na próxima seção, mantendo-se a topologia original da classificação.

## MÉTODOS FILOGENÉTICOS COMPARATIVOS

Nesta pesquisa, adotaram-se métodos filogenéticos comparativos para analisar o desenvolvimento do sistema terminológico de parentesco em uma amostra de línguas Tupí-Guaraní<sup>2</sup>. Para realizar uma análise com base nesses métodos, fez-se necessário especificar três componentes: (1) uma aproximação da história das populações sob

<sup>2</sup> Nunn (2011) fornece uma introdução à aplicação de métodos filogenéticos comparativos a dados culturais.

investigação, geralmente na forma de uma filogenia; (2) uma série de caracteres codificados para cada taxa da árvore – neste caso, traços tipológicos sobre a equação ou diferenciação de certas posições terminológicas de parentesco no seu repertório linguístico –; e (3) um modelo para demonstrar como esses traços podem mudar ao longo do tempo e que seleciona uma hipótese evolutiva entre as possíveis.

A visualização de traços culturais em uma dada filogenia linguística permite identificar quais traços foram repassados ao longo da história linguística das populações, além de facilitar a identificação de quais deles se desenvolveram sob a influência de outros povos vizinhos ou, ainda, de quais são as instâncias de mudanças paralelas independentes (Mace; Pagel, 1994; Gray et al., 2007). Um dos principais benefícios desta abordagem reside no uso de árvores linguísticas como aproximações de histórias populacionais para encarar a problemática de Franz Boas apresentada na introdução. Outra grande vantagem é a possibilidade de responder ao ‘problema de Galton’ – a não independência de populações historicamente relacionadas (Tylor, 1889) –, ao definir previamente, na análise, que todas essas culturas descendem de uma mesma população etnolinguística ancestral, neste caso, a Proto-Tupí-Guaraní.

Desde o movimento filológico teutônico *Wörter und Sachen* ('palavras e coisas') do século passado, a Linguística Histórica pressupõe que a possibilidade de reconstruir linguisticamente um termo para um item ou uma prática cultural na língua de uma população ancestral auxilia a inferir a presença de tal item ou prática na cultura dos falantes desta língua (Epps, 2014). De acordo com esse princípio, e como nossa análise comparativa visa à identificação da presença ou da ausência de certas equações terminológicas na língua Proto-Tupí-Guaraní, esses métodos podem ser explorados para fortalecer qualquer afirmação a favor da presença ou da ausência dessas práticas entre os falantes de Proto-Tupí-Guaraní.

## FILOGENIA LINGUÍSTICA

Fez-se uso do cladograma apresentado em Michael et al. (2015, p. 204) para nossa análise comparativa, uma vez que ele apresenta uma classificação das línguas Tupí-Guaraní com mais resolução em termos de ramificações, e também uma metodologia mais explícita em relação à identificação delas. A análise foi realizada por meio de inferência filogenética bayesiana em 4.205 séries de cognatos (1.113 informativas, com reflexos em mais de uma língua), identificadas a partir de uma implementação rigorosa do método comparativo aplicado a 543 sentidos de vocabulário básico<sup>3</sup>. A presente análise filogenética trata de uma amostra de 30 línguas Tupí-Guaraní e duas línguas não Tupí-Guaraní da família Tupí. As duas línguas não Tupí-Guaraní – Awetí e Mawé, que são as mais próximas às línguas Tupí-Guaraní em termos filogenéticos (Rodrigues; Dietrich, 1997; Meira; Drude, 2015) – foram incluídas na análise como grupos externos para inferir o posicionamento correto da raiz da árvore (*outgroup rooting*).

O cladograma apresentado na Figura 1 é derivado de uma árvore filogenética de consenso majoritário de ramificações (*majority-rule consensus tree*), na qual somente as ramificações com probabilidade posterior  $\geq 0,80$  estão representadas. As ramificações propostas com probabilidade posterior  $< 0,80$  foram colapsadas ao nóculo superior da árvore, gerando politomias de ramificações não binárias. Vejam-se também os nomes dos subgrupos na Figura 1, como *Guaranian*, *Diasporic* etc., que indicam maior afinidade entre essas línguas e referem-se, na análise a seguir, a esses conjuntos de línguas.

<sup>3</sup> Dunn (2015) apresenta uma descrição do procedimento de inferência filogenética bayesiana e discute as melhores práticas para a inferência quantitativa de filogenias linguísticas a partir de dados lexicais.

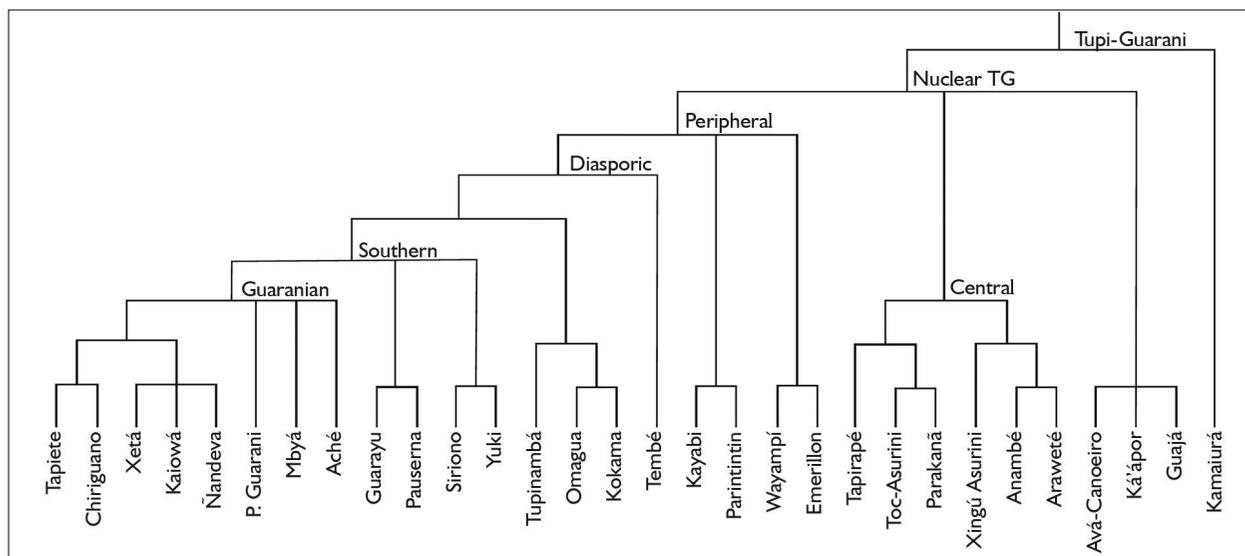


Figura 1. Classificação das línguas Tupí-Guaraní apresentada em Michael et al. (2015).

## CARACTERIZAÇÕES TIPOLOGICAS

As línguas Tupí-Guaraní apresentam várias configurações que diferem quanto às equações entre termos de parentesco. Identificaram-se alguns traços tipológicos importantes para a reconstrução do sistema de parentesco em Proto-Tupí-Guaraní e para a inferência o desenvolvimento dos sistemas atuais durante a dispersão da família. A análise apresentada aqui é restrita aos termos referenciais, devido à falta de dados sistemáticos para os vocativos na maioria das línguas investigadas. Nossa análise também se restringe aos traços tipológicos referentes às gerações dos pais (+1) e dos irmãos (+0); a análise das demais gerações e dos termos vocativos foi reservada para estudos posteriores.

Equação e derivação são noções essenciais à codificação dos traços tipológicos nos sistemas terminológicos de parentesco. Define-se por equação entre relações de parentesco a ocorrência de duas formas linguisticamente idênticas para a expressão de duas relações de parentesco distintas. No Tupí Antigo, por exemplo, Araujo (1618, p. 117) afirma que o termo *t-uba* <tûba> refere-se a “pay natural, ou tio, ou primo do pay, utriusque sexus”, isto é, existe aí uma equação terminológica entre a relação de pai, de tio (paterno) e de primos do pai para egos de ambos os sexos<sup>4</sup>.

A noção de derivação baseia-se no conceito linguístico de que palavras se compõem de elementos independentes, os radicais, e de elementos linguísticos dependentes (afixos, clíticos ou partículas), que podem ser adicionados a estes radicais para formar uma nova palavra. Desse modo, diz-se que uma palavra é uma derivação de outra quando se identifica um radical compartilhado entre ambas e também quando o termo derivado inclui um elemento linguístico

<sup>4</sup> Neste trabalho, procedeu-se à padronização dos símbolos utilizados na transcrição dos dados para evitar o uso de vários sistemas ortográficos empregados por autores diferentes para representar o mesmo fonema. Deu-se especial atenção ao fonema /i/, representado por <y>, /P/ por <'>, e /tʃ/ por <x>, conforme a tradição linguística para a transcrição de línguas Tupí-Guaraní. No entanto, não se propôs uma análise fonêmica para dados provenientes de fontes sem essa informação fonológica. Quando se faz necessário apresentar a transcrição original dos dados pelo autor citado, as formas ocorrem entre <parênteses angulares>. Embora em várias línguas os termos de parentesco sejam obrigatoriamente possuídos, procurou-se identificar e segmentar, quando possível, a morfologia de posse afixada a estes termos. As fronteiras morfológicas estão identificadas por hifens.

adicional que expressa outra relação. Ainda no Tupí Antigo, Araujo (1618, p. 114) descreve o termo **sy** <cí> como “may natural, utriusque sexus” e o termo **syyra** <cĩra> como “tia irmã da may, usão dele os filhos utriusque sexus”. O termo para tia materna **syyra** obviamente tem como base o mesmo radical **sy** de ‘mãe’ mais o sufixo **-yra**; assim, considera-se que o termo para a tia materna, em Tupí Antigo, é uma derivação daquele usado para a mãe<sup>5</sup>.

### GERAÇÃO ASCENDENTE (+1)

As línguas Tupí-Guaraní apresentam várias configurações diferentes em relação às equações entre termos da geração ascendente +1. Examinaram-se quatro traços tipológicos diferentes nas línguas: fusão materna +1, fusão paterna +1, bifurcação avuncular e bifurcação materteral. Esses traços são definidos pelas caracterizações evidenciadas a seguir.

Define-se por fusão materna +1 a equação entre os termos para mãe (M) e tia materna (MZ)<sup>6</sup>. No Quadro 2, vê-se que, em Aché, ambas as relações são expressas pelo mesmo termo **ei**, embora, em Tenharim, usem-se termos distintos para cada relação – **a’i** ‘mãe’ e **yy** ‘tia materna’. Na língua Kukama-Kukamilla, o termo **mamakyra** ‘tia materna’ é uma derivação do termo **mama** ‘mãe’, provavelmente um empréstimo do português ou do espanhol, com a adição do sufixo diminutivo **-kyra** (O’Hagan, 2019).

Define-se por fusão paterna +1 a equação entre os termos para pai (F) e tio paterno (FB). No Quadro 2, ambas as relações no Tupí Antigo são expressas pelo mesmo termo **tuba**, embora, na língua Tenharim, haja termos distintos para cada relação – **ãpĩ** ‘pai’ e **uvy** ‘tio paterno’. Na língua Araweté, o termo **to dỹ** ‘tio paterno’ é uma derivação do termo **to** ‘pai’, com a adição da partícula **dỹ**, cujo significado Viveiros de Castro (1986, p. 391) indica ser ‘semelhante’ ou ‘equivalente’.

A bifurcação avuncular, por sua vez, é definida como a diferenciação dos termos para a relação de tio materno (MB) e tio paterno (FB), e a bifurcação materteral, como a diferenciação dos termos para a relação de tia materna (MZ) e tia paterna (FZ). Na língua Kukama-Kukamilla, ambas as relações avunculares de ‘tio’ são tratadas pelo mesmo termo **pai**, e as relações materterais de ‘tia’ são tratadas pelo termo **mamakyra**, exemplificando uma geração ascendente +1 sem bifurcação. Em contrapartida, a língua Tenharim emprega os termos **uvy** ‘tio paterno’, **tutyra** ‘tio materno’, **jaji** ‘tia paterna’ e **yy** ‘tia materna’, com uma geração ascendente +1 bifurcada tanto nos termos

Quadro 2. Alguns termos para a geração ascendente +1.

	MB	MZ	M	F	FB	FZ
Tupí Antigo	tutyra	syyra	sy	tuba	tuba	aixé
Aché	tuty	ei	ei	ãpã	ãpã	ei
Tenharim	tutyra	yy	a’i	ãpĩ	uvy	jaji
Araweté	toti	hi dỹ	hi	to	to dỹ	ðaðé
Kukama- Kukamilla	pai	mamakyra	mama	papa	pai	mamakyra

<sup>5</sup> O termo ‘diferenciação’ é usado para referir-se ao estado em que dois termos de parentesco apresentam-se formalmente distintos (não equação), sendo que a derivação de um termo do outro não é evidente (não derivação). Este estado é usado somente usado na codificação de caracterizações tipológicas que apresentem essa distinção nos dados analisados; neste estudo, isso ocorre somente na fusão da primeira geração ascendente.

<sup>6</sup> Neste trabalho, foram adotadas as seguintes abreviações para referir-se às relações de parentesco: M = ‘mãe’, F = ‘pai’, Z = ‘irmã’, B = ‘irmão’, D = ‘filha’, S = ‘filho’, e = ‘mais velho’, y = ‘mais novo’.

avunculares quanto nos materterais. A língua Aché é uma das poucas em nossa amostra que apresenta bifurcação +1 não simétrica, com bifurcação nos termos avunculares – *ãpã* ‘tio paterno’ e *tutyrt* ‘tio materno’ – e, ainda, equação entre os termos materterais expressa na palavra *ei* ‘tia’.

### GERAÇÃO DO EGO (+0)

De modo análogo às configurações terminológicas da geração ascendente +1, as línguas Tupí-Guaraní também apresentam grande diversidade de formas e equações para expressar o tratamento de parentes consanguíneos da mesma geração do ego. Examinaram-se cinco traços tipológicos diferentes para o tratamento de irmãos e de primos nos termos da mesma geração que o ego: sexo do ego +0, equação entre irmãos e primos paralelos, equação entre irmãos e primos cruzados, idade relativa +0 para o mesmo sexo e idade relativa +0 para o sexo oposto. Esses traços são definidos pelas caracterizações apresentadas a seguir.

Em muitas línguas Tupí-Guaraní, o sexo do ego condiciona os termos utilizados para referir-se aos irmãos e aos primos. No Quadro 3, pode-se ver que, na língua Guajá, um homem se refere à sua própria irmã (Z) com o termo *haininawai*, enquanto uma mulher se refere à sua própria irmã com o termo *harapihára*<sup>7</sup>. Note-se que *harapihára* também é utilizado por homens para se referirem aos seus irmãos (B), dando ao termo o significado ‘irmão/irmã do mesmo sexo que o ego’.

A equação entre irmãos e primos paralelos é bastante comum nas línguas Tupí-Guaraní. Em Guajá, no Quadro 3, vê-se que um homem usa o termo *harapihára* para referir-se tanto aos seus irmãos quanto aos filhos do irmão do pai (FBS). Seguindo o mesmo padrão, um homem também usa o termo *haininawai* para referir-se tanto à sua irmã quanto às filhas da irmã da sua mãe (MZD).

Menos comum nas línguas Tupí-Guaraní é a equação terminológica entre irmãos e primos cruzados. Em Guajá, no Quadro 3, uma mulher usa *harapihára* para suas irmãs e primas paralelas e *ikuwyxiá* para seus irmãos e primos paralelos. No entanto, o termo *mymyra* é usado para as filhas do irmão da mãe (MBD) e *iména*, para os filhos da irmã do pai (FZS), o que evidencia a ausência de uma equação entre os termos para irmãos e primos cruzados. É importante notar que o termo *iména* ‘filho da tia paterna ♀’ também é usado para ‘marido’, e o termo *emeriko* ‘filha do tio materno ♂’ também é usado para ‘esposa’, que resulta da prática de casamentos avunculares e da possibilidade de estender essa relação para certos primos cruzados (Cormier, 2003, p. 58).

Diferente do Guajá é a língua Tembé, no Quadro 4, também conhecida como Tenetehara ou Guajajara; nesta língua, todas as irmãs e primas de um homem, tanto cruzadas quanto paralelas, são tratadas pelo mesmo termo *einyra*, o qual exemplifica a equação entre essas relações (Galvão; Wagley, 1946, p. 3, 12-13).

Quadro 3. Termos para a mesma geração de ego em Guajá.

		MBD	MZD	Z	B	FBS	FZS
Guajá	♂	emeriko	haininawai	haininawai	harapihára	harapihára	harawaiya
	♀	mymyra	harapihára	harapihára	ikuwyxiá	ikuwyxiá	iména

<sup>7</sup> Note-se que o símbolo de Marte (♂) significa que os termos são referentes a egos masculinos, ao passo que o símbolo de Vênus (♀) significa que os termos são referentes a egos femininos. Estes símbolos aludem ao sexo do referente que indexa a relação de parentesco, o ego, e não ao sexo da pessoa que emprega o termo em sua fala. Veja também Rose (2015), para uma discussão mais ampla sobre a indexação do sexo em línguas sul-americanas.

Outro aspecto importante na caracterização tipológica do sistema terminológico da geração do ego é o uso de termos diferentes para irmãos cuja idade relativa é condicionada pela idade do ego. O sistema mais comum é o observado em Tembé, no Quadro 4, no qual há uma distinção terminológica para irmãos mais velhos e mais novos do mesmo sexo que o ego, ao passo que os irmãos do sexo oposto são tratados por um termo único, sem distinção da idade relativa. Assim, um homem Tembé refere-se ao irmão mais velho como *ikiyra* e ao irmão mais novo como *iwyra*, embora todas as suas irmãs sejam tratadas como *einyra*.

Quadro 4. Termos para a mesma geração de ego em Tembé.

		yZ	eZ	eB	yB
Tembé	♂	einyra	einyra	ikiyra	iwyra
	♀	kipiyra	ikéra	iwyra	iwyra

Quadro 5. Termos para a mesma geração de ego em Guaraní-Kaiowá.

		yZ	eZ	eB	yB
Guaraní Kaiowá	♂	xe-rendý-miní	xe-rendý	xe-riwý	xe-rikey
	♀	xe-kypyý	xe-ruké	xe-kywý	xe-kywykey

Semelhante ao Tembé, o sistema terminológico em Guaraní Kaiowá para a mesma geração do ego apresenta uma só equação para irmãos, primos paralelos e cruzados (Galvão; Wagley, 1946). A diferença entre os sistemas, além das próprias formas, é o uso de termos distintos correspondentes à idade relativa de irmãos do sexo oposto, como destacado no Quadro 5.

## CODIFICAÇÃO DOS TRAÇOS TIPOLÓGICOS

A partir das definições apresentadas na seção anterior, avaliaram-se os sistemas terminológicos de parentesco nas 24 línguas da nossa amostra com base em nove caracterizações tipológicas, apresentadas no Quadro 6. Para dois traços referentes à primeira geração ascendente (+1) – fusão materna e fusão paterna –, procurou-se verificar em cada língua a presença de estados que caracterizassem equação, derivação ou diferenciação entre as relações investigadas. Assim, cada língua recebeu um valor categórico para esses traços: A = equação, B = derivação e C = diferenciação. Para os cinco traços referentes à mesma geração do ego (+0) – equação entre irmãos e primos paralelos, equação entre irmãos e primos cruzados, distinção de sexo do ego, idade relativa entre irmãos de mesmo sexo, idade relativa entre irmãos de sexo oposto – e para a bifurcação materteral e avuncular da primeira geração ascendente (+1), cada língua foi avaliada com base no critério de presença [1] ou ausência [0] desses traços. O valor [?] foi inserido quando os dados obtidos se mostraram insuficientes ou inconsistentes para avaliar com segurança determinada caracterização tipológica.

## MODELO PARA A MUDANÇA DE CARACTERES TIPOLÓGICOS

A inferência da mudança dos caracteres tipológicos codificados e a reconstrução de seus estados ancestrais ao longo da árvore filogenética das línguas foram feitas no programa *Mesquite* v. 3.40 a partir de um modelo de evolução com base no critério de máxima parcimônia (Maddison, W.; Maddison, D., 2018). Dessa forma, a análise calcula o número de mudanças necessárias para que um traço na raiz gere a distribuição de traços observados nas taxas.



Em seguida, a análise seleciona a história evolutiva mais econômica de um dado traço, ou seja, aquela que exige o menor número de mudanças entre as taxas da árvore – as línguas atuais documentadas – até sua raiz Proto-Tupí-Guaraní.

Uma análise a partir de máxima parcimônia pressupõe que a transição do estado de um traço para outro estado em qualquer ramo da árvore tem o mesmo ‘custo’ em termos de cálculo da economia de mudanças<sup>8</sup>. Não se implementaram, na análise apresentada aqui, restrições nas transições entre os estados possíveis. Nem sempre a análise consegue identificar um único estado do traço em um nóculo da árvore e, por isso, há chances de existir um nóculo com múltiplos estados possíveis (Nunn, 2011, p. 59). No caso da impossibilidade de identificar um estado único para um traço na raiz da árvore, é importante explorar argumentos a favor de um determinado estado

Quadro 6. Caracterizações tipológicas do sistema de parentesco nas línguas sob investigação, com base nos seguintes parâmetros: A = fusão materna +1; B = fusão paterna +1; C = bifurcação materteral +1; D = bifurcação avuncular +1; E = equação entre irmãos e primos paralelos; F = equação entre irmãos e primos cruzados; G = distinção de sexo do ego +0; H = idade relativa +0, mesmo sexo; I = idade relativa +0, sexo oposto. (Continua)

Língua	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Aché	A	A	0	1	0	0	0	1	1
Anambé	?	?	?	1	?	?	1	1	1
Araweté	B	B	1	1	1	0	1	1	0
Asurini do Tocantins	A	A	1	1	1	0	1	1	0
Ava Canoeiro	?	?	?	?	?	?	1	1	0
Chiriguano	B	B	1	1	?	?	1	1	0
Emerillon	C	C	1	1	?	?	0	1	1
Guajá	B	B	1	1	1	0	1	0	0
Guaraní Kaiowá	B	B	1	1	1	1	1	1	1
Guaraní Mbya	B	B	1	1	1	1	1	1	0
Guaraní Paraguai	?	?	?	?	0	0	1	1	0
Guarayu	B	A	1	1	?	?	1	1	0
Kamaiurá	C	C	1	1	1	0	1	1	0
Kayabí	B	B	1	1	0	0	1	1	0
Ka'apor	A	A	1	1	1	0	1	0	0
Kukama-Kukamilla	B	C	0	0	0	0	1	0	0
Parakanã	B	B	1	1	1	0	1	1	0
Parintintin	C	C	1	1	1	0	0	?	?
Pausema	B	C	1	0	1	0	1	1	0
Sirionó	A	A	1	1	1	0	0	0	0
Tapirapé	C	C	1	1	1	1	1	1	0

<sup>8</sup> Atualmente, usam-se métodos de parcimônia no estudo da evolução cultural de contos populares e na comparação das taxas de mudanças culturais em famílias linguísticas (Currie; Mace, 2014). No entanto, dá-se preferência a modelos mais sofisticados, como o de máxima verossimilhança, para a análise de conjuntos de dados maiores e mais complexos que os nossos, sobretudo quando há filogramas confiáveis disponíveis para a família linguística sob investigação. Ver também Walker et al. (2012) para a implementação de um modelo baseado em verossimilhança para a inferência de estados ancestrais de traços culturais em relação a Proto-Tupí.

Quadro 6.

(Conclusão)

Língua	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Tembé	B	B	1	1	1	1	1	1	0
Tupí Antigo	B	A	1	1	1	0	1	1	?
Wayampí	?	A	?	?	1	0	1	1	?

nesta posição ou contra ele, como a presença dos traços nas línguas irmãs de Proto-Tupí-Guaraní, Awetí e Mawé. Em todos os casos, a análise sempre seleciona a hipótese mais econômica para explicar a distribuição de todos os traços sob investigação, mesmo que, em alguns casos, algumas hipóteses descartadas possam explicar o desenvolvimento dos traços em um subconjunto de línguas, embora não da amostra inteira, de forma mais parcimoniosa.

## RESULTADOS

### GERAÇÃO ASCENDENTE +1

A análise de reconstrução dos estados ancestrais de fusão materna (M = MZ) e fusão paterna (F = FB) na primeira geração ascendente está apresentada na Figura 2.

Nota-se que, para o clado nuclear TG e subjacentes, em Michael et al. (2015) – todas as línguas, exceto Kamaiurá –, a análise reconstrói inequivocamente a derivação como o estado ancestral para fusão nesta geração. Devido ao Kamaiurá diferenciar os termos para tios e tias daqueles para pai e mãe, a análise não consegue reconstruir um estado único para Proto-Tupí-Guaraní. Tendo em vista que Awetí, a língua irmã de Proto-Tupí-Guaraní, também apresenta o termo *upizũ* 'tio paterno' derivado de *up* 'pai' (Drude, 2018), pode-se reconstruir, com segurança, que o termo em Proto-Tupí-Guaraní para tio paterno se derivava do termo para pai nesta língua. Embora o termo para tia materna em Awetí não tenha sido publicado em Galvão (1953) e Corrêa-da-Silva (2010), Drude (2018) nota que, em Awetí, ele é representado por *tywati'yt* 'tia materna', uma possível derivação do termo *ty* 'mãe', e que ambas as relações de M e MZ são tratadas

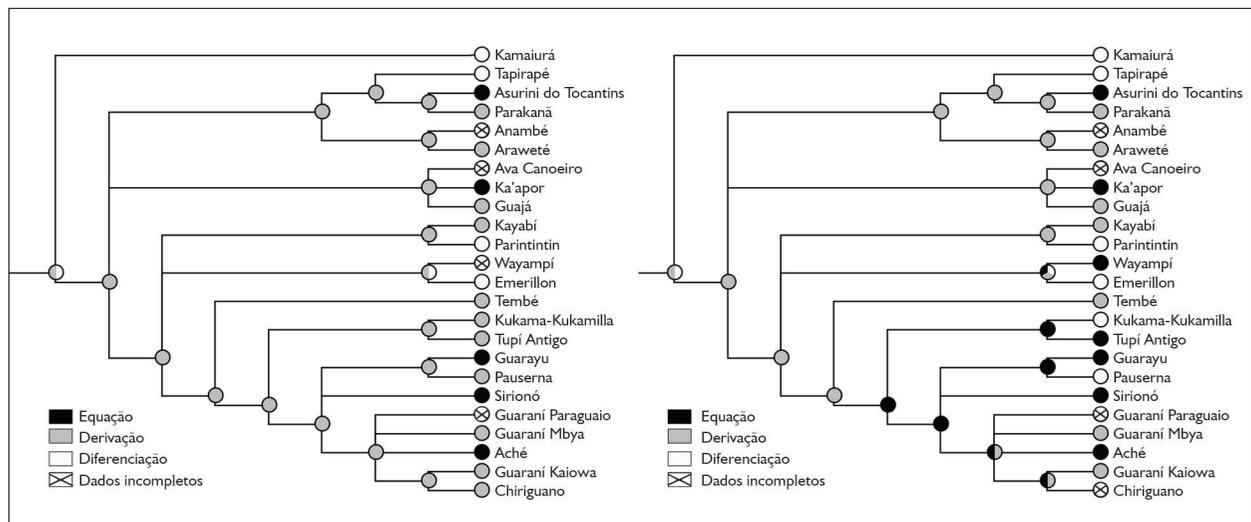


Figura 2. Reconstrução do estado ancestral de fusão na geração ascendente +1: equação entre termos para M e MZ (esquerda) e F e FB (direita).

pelo mesmo termo vocativo *ange*. A presença de derivação na fusão da geração ascendente em Awetí, a língua irmã de Proto-Tupí-Guaraní, fortalece a inferência de que PTG apresentava a derivação dos termos 'tia materna' e 'tio paterno' a partir dos termos para 'mãe' e 'pai'.

Em relação à bifurcação de termos na primeira geração ascendente, este traço ocorre em quase todas as línguas da amostra, como se pode ver no Quadro 6. As únicas exceções aparecem nos termos materterais de Aché, nos termos avunculares de Pauserna e em ambos os conjuntos de termos de Kukama-Kukamilla, todas línguas contidas no subgrupo *Diasporic* proposto por Michael et al. (2015). Assim, reconstrói-se, com segurança, a bifurcação na primeira geração ascendente em Proto-Tupí-Guaraní.

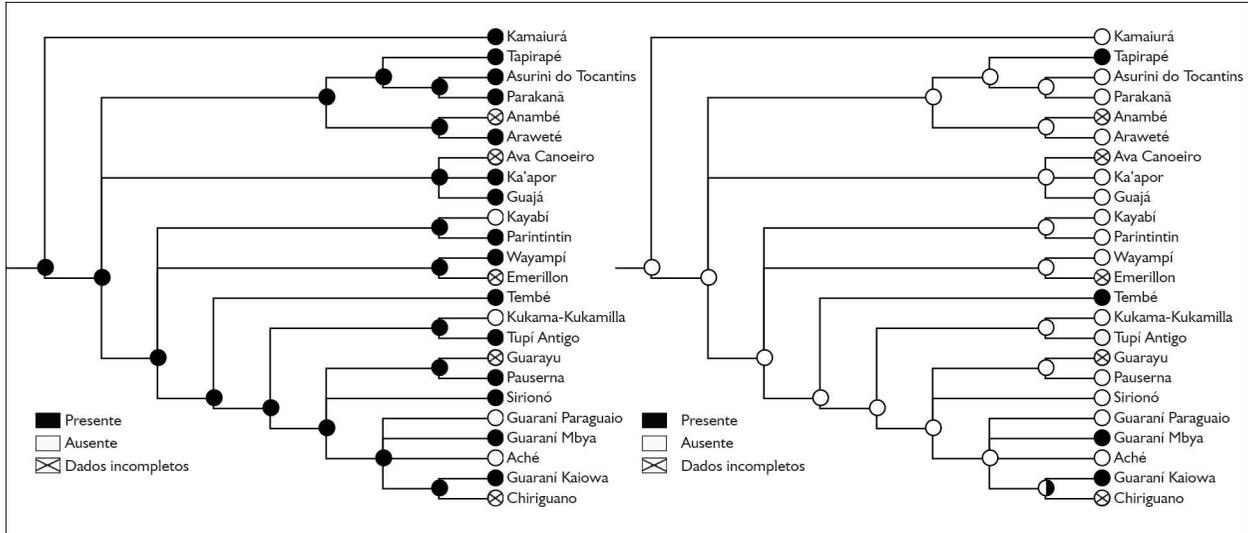


Figura 3. Reconstrução do estado ancestral de equação entre irmãos e primos: entre irmãos e primos paralelos (esquerda) e entre irmãos e primos cruzados (direita).

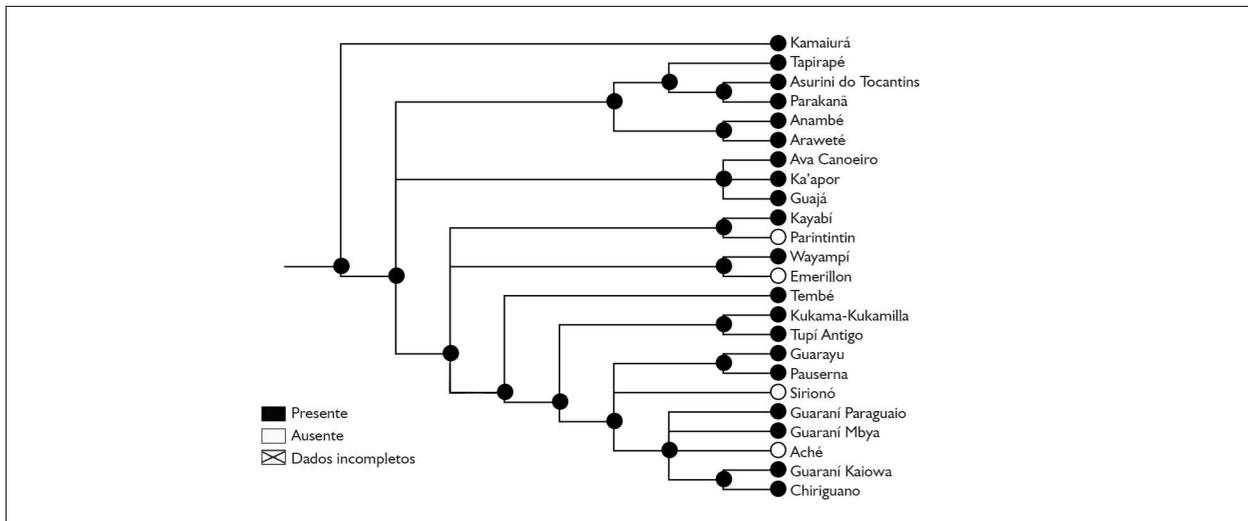


Figura 4. Reconstrução do estado ancestral da distinção no tratamento dos irmãos condicionado pelo sexo do ego.



A partir de uma análise comparativa estritamente linguística com dados de 35 línguas Tupí-Guaraní, e através da identificação de correspondências sonoras regulares e sistemáticas, Mello (2000) reconstrói vários termos de parentesco, como termos distintos para tia materna, tia paterna e tio materno, todos, por sua vez, diferentes daqueles empregados para pai e mãe. É interessante notar que essa reconstrução não apresenta uma distinção terminológica para irmãos condicionada pelo sexo do ego, nem referente à idade relativa dos irmãos em relação ao ego. Publicações subsequentes aprimoraram a reconstrução dos termos apresentados em Mello (2000). Nas próximas subseções, apresenta-se o estado atual da reconstrução dos termos para a primeira geração ascendente (+1) e para a mesma geração do ego (+0).

### Reconstrução dos termos da primeira geração ascendente (+1)

Os termos para 'pai' em 'mãe' foram reconstruídos desde a primeira reconstrução sistemática de Proto-Tupí-Guaraní em Lemle (1971). O termo para 'pai' em PTG foi primeiramente proposto como *\*ub* em Lemle (1971, p. 124). O termo com a forma *\*tub* foi reconstruído por Schleicher (1998, p. 350). Mello (2000, p. 201) apresenta a mesma forma vista em Schleicher (1998), mas sem seu 'prefixo relacional' *t-* como *\*ub*, e Rodrigues (2010, p. 8) deixa clara a segmentação da raiz e o prefixo relacional com a forma *\*t-ub*<sup>10</sup>. O termo reconstruído para 'mãe' em PTG foi proposto como *\*cy* em Lemle (1971, p. 122), que também foi adotado por Schleicher (1998) por também rejeitar uma distinção contrastiva entre *\*c* e *\*x* em PTG (Schleicher, 1998, p. 314, 334). Mello (2000, p. 201) reconstrói o termo *\*xy* 'mãe', cuja forma foi mantida em trabalhos posteriores.

É de Mello (2000) a primeira reconstrução que trata de termos avunculares e materterais em PTG. Sua reconstrução propõe o termo *\*tutyr* para 'tio materno', mantido em trabalhos subsequentes por outros autores. Tudo indica que a primeira proposta para 'tio paterno' foi a forma *\*ubyr* em Rodrigues (2010, p. 8), evidenciando que o termo é uma derivação de *\*ub* 'pai' mais o sufixo *\*-yr*, provavelmente cognato com o sufixo diminutivo *-kyra*, mencionado para Kukama-Kukamilla anteriormente. Mello (2000) reconstrói dois termos diferentes para 'tia' sem especificar qual é materna e qual é paterna: *\*aix*e 'tia 1' e *\*y'yr-* 'tia 2'. Em nosso banco de dados, reflexos de *\*aix*e estão presentes na maioria das línguas da nossa amostra, como *jaje*, em Kamaiurá, *-atse*, em Pauserna, e *yaise*, em Chiriguano, todos utilizados para referir-se à irmã do pai; pode-se reconstruir com confiança que este termo tinha o significado de 'tia paterna' em PTG. Rodrigues (2010, p. 8) revisa a reconstrução de 'tia materna' em PTG para *\*xy'yr*, mostrando que o termo é uma derivação de *\*xy* 'mãe'.

### Reconstrução dos termos da mesma geração do ego (+0)

Os termos para parentes da mesma geração do ego receberam propostas de reconstrução somente a partir de Mello (2000). Como será visto a seguir, os termos da mesma geração do ego reconstruídos por Mello (2000) geralmente aludem aos termos referentes a egos masculinos. O termo para *\*yβyr* 'irmão' foi proposto em Mello (2000, p. 207), sem, contudo, especificar se se referia ao irmão de um homem ou ao irmão de uma mulher. Em nossos dados, veem-se reflexos de *\*yβyr* em Kamaiurá *iwyt*, Tapirapé *iwyra*, Asurini do Tocantins *ywyra*, Parakanã *ywyra*, Anambé *ewi*, Araweté *iwidy*, Kayabí *ewiret*, Tembé *iwyra*, Tupí Antigo *yby-kyra*, Guarayu *ybyr*, Pauserna *iwi*, Guaraní Paraguayo *yvy*, Aché *ywy*, Guaraní Kaiowa *iwy* e Chiriguano *ywy*. Este termo tem sempre o sentido de 'irmão menor' e, em todos os casos em que a língua apresente uma distinção do tratamento dos irmãos condicionado pelo sexo do ego, o termo refere-se ao 'irmão menor' ♂<sup>1</sup>, seu provável sentido original em PTG. O termo *\*yke-'yr* 'irmão maior' ♂<sup>1</sup> foi proposto por Rodrigues

<sup>10</sup> Para mais informações sobre os prefixos relacionais em línguas Tupí-Guaraní, ver Meira e Drude (2013).

(2007, p. 181), havendo reflexos dele em todas as línguas mencionadas para 'irmão menor ♂' e também na forma *eky'y* 'primo cruzado', em Wayampí. O termo *\*enyr* 'irmã', proposto por Mello (2000, p. 161), refere-se especificamente a 'irmã ♀' em PTG, por mostrar esse sentido em todas as línguas apresentadas com reflexos de *\*ybyr* 'irmão menor ♂'.

Os termos para parentes da mesma geração de egos femininos foram propostos somente a partir de Rodrigues (2007), com *\*yker* 'irmã maior ♀', *\*kypy'yr* 'irmã menor ♀' e *\*kywyr* 'irmão ♀'. Como o artigo em que essas reconstruções foram publicadas focava-se mais em proto-Tupí do que em Proto-Tupí-Guaraní, Rodrigues (2007) não apresenta os dados das línguas Tupí-Guaraní usadas que levaram a essas reconstruções. Em nosso banco de dados, existem reflexos evidentes para todas essas formas em quase todas as línguas que mantiveram a distinção de idade relativa entre irmãos do mesmo sexo e o tratamento diferenciado dos irmãos condicionado pelo sexo do ego, como em Tembé, no Quadro 4, e em Guaraní Kaiowá, no Quadro 5.

Atualmente, não há uma proposta para a reconstrução de termos distintos para primos paralelos em PTG, e não foi possível identificar cognatos potenciais para tais termos em nosso banco de dados senão os já empregados para referir-se aos irmãos. Isso coincide com os resultados apresentados na Figura 3, para a qual nossa análise inferiu que PTG tratava os primos paralelos com os mesmos termos que os dos irmãos.

Em relação aos termos para primos cruzados, tampouco se identificou, até este momento, alguma forma que apresente cognatos em várias línguas. Observaram-se várias estratégias para se referir aos primos cruzados nas línguas que os tratam de maneira diferente daquela usada para os primos paralelos. Por exemplo, em línguas cujos falantes praticam casamentos avunculares, é comum que o termo para 'esposa' seja utilizado para primas cruzadas de um ego masculino, como em Guajá e Wayampí, ou que se empregue algum outro indicador de potencial de casamento, como em Ka'apor. Também foram observados casos em que os termos de primos cruzados são descritivos a partir de outras relações que têm seus termos próprios, como em Asurini do Tocantins *se-sasé memyra* 'filho da nossa tia paterna' (Arnaud, 1963, p. 114-115). Em Araweté, por exemplo, é possível referir-se ao seu primo cruzado com o termo geral para primos cruzados *tiwã* ou com um termo descritivo como *toti ra'i re* 'filho do tio materno' (Viveiros de Castro, 1986, p. 395). São necessárias mais investigações comparativas sobre o tratamento de primos cruzados para identificar as estratégias utilizadas por falantes de PTG.

## DISCUSSÃO

Nas seções anteriores, por meio da análise comparativa da distribuição de traços tipológicos dos sistemas terminológicos de parentesco nas línguas atuais, inferiu-se que a língua Proto-Tupí-Guaraní apresentava uma fusão bifurcada na primeira geração ascendente (+1). Também se concluiu que a mesma geração do ego (+0) apresentava termos diferentes para egos de sexos diferentes, que os primos paralelos foram tratados com a mesma terminologia que os irmãos, diferentemente dos primos cruzados. Cada ego distinguia a idade relativa dos irmãos do mesmo sexo, mas não do sexo oposto, e egos de sexos diferentes empregavam termos diferentes para referirem-se aos seus irmãos, sendo reais ou classificatórios (primos paralelos). Sendo assim, algumas das línguas na nossa amostra apresentam essa mesma estrutura nos seus termos. Nesse sentido, podem ser consideradas conservadoras, tais como Araweté e Parakanã.

Na seção anterior, também discutimos o estado atual das reconstruções linguísticas das formas dos termos de parentesco para PTG – a maioria proveniente de Mello (2000) e Rodrigues (2007) – e de que forma esses termos apresentam reflexos no nosso banco de dados. A Figura 6 apresenta os termos reconstruídos para PTG, mapeados sob a estrutura do sistema terminológico de parentesco inferido por nossa análise comparativa para egos masculinos.

Já a Figura 7 apresenta os termos reconstruídos para PTG sob a estrutura do sistema terminológico de parentesco inferido por nossa análise comparativa para egos femininos.

A estrutura do sistema terminológico de parentesco nas Figuras 6 e 7 mostra que a língua Proto-Tupí-Guaraní apresentava muitas semelhanças com o sistema prototípico iroquês na primeira geração ascendente e na mesma geração do ego (Dumont, 1953; Dousset, 2011). A única diferença é o uso do sufixo *\*-yr* para diferenciar o termo para tio paterno (FB) do termo para pai (F), e o termo para tia materna (MZ) do termo para mãe (M) na primeira geração ascendente, bem como as distinções de idade relativa e do sexo do ego na mesma geração do ego (+0). Assim, o sistema de PTG também é semelhante ao sistema de fusão bifurcada na primeira geração ascendente para Proto-Tupí proposto por Laraia (1971, p. 202-203), a partir de uma perspectiva etnológica, e por Rodrigues (2007), embora indiretamente, a partir de uma perspectiva linguística.

Ao encontro da problemática de Franz Boas mencionada na introdução, Laraia (1971, p. 202-203) observa que as inferências sobre as mudanças de um tipo de sistema de parentesco para outro entre as línguas Tupí estão limitadas pela falta de dados diacrônicos sobre essas mudanças. Infelizmente, esta carência se nota para a maioria das sociedades aqui investigadas, bem como faltam estudos sobre outros detalhes igualmente necessários à compreensão dos processos subjacentes às mudanças na organização social, tais como preferências de casamento, padrões de residência pós-casamento e mudanças demográficas. Embora esses dados existam para algumas sociedades Tupí-Guaraní, estas são restritas a apenas alguns sub-ramos da família linguística, dificultando a extrapolação de qualquer processo a todas as sociedades Tupí-Guaraní.

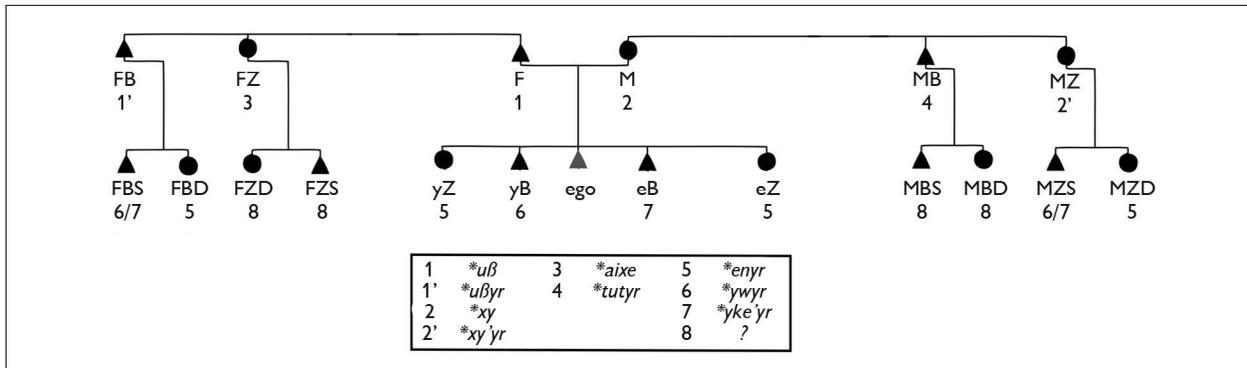


Figura 6. Reconstrução dos termos de parentesco em Proto-Tupí-Guaraní para ego masculino.

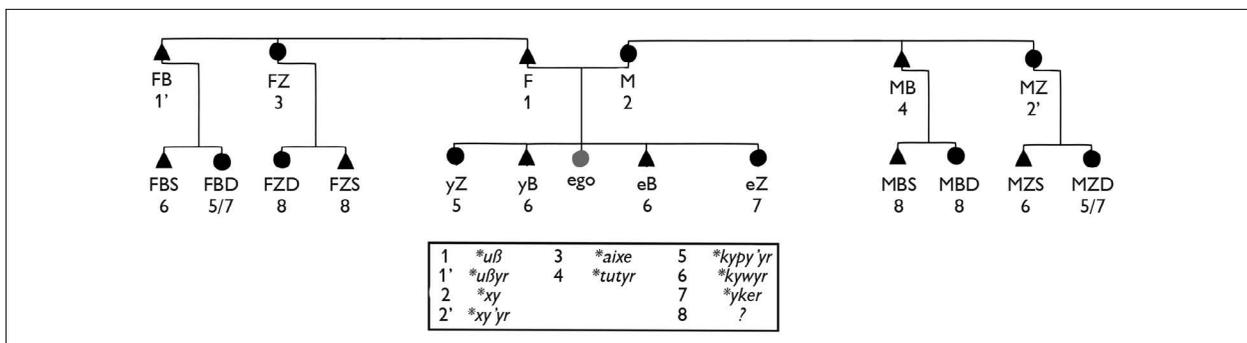


Figura 7. Reconstrução dos termos de parentesco em Proto-Tupí-Guaraní para ego feminino.

Há, no entanto, como descrito em Wagley (1977), o conhecido caso dos Tapirapé, um grupo Tupí-Guaraní que passou por mudanças na organização social durante o curso de observação por etnógrafos. Wagley (1977, p. 99) presume que, antes dos primeiros registros etnográficos, os Tapirapé provavelmente contavam com um sistema de parentesco do tipo iroquês e tinham uma preferência pelo casamento entre primos cruzados. Atualmente, a terminologia na geração do ego (+0), em Tapirapé, mostra um sistema do tipo havaiano, no qual todos os primos, paralelos e cruzados, são tratados como irmãos. Wagley (1977) conjectura que a preferência de casamento com primos cruzados foi perdida juntamente com a distinção terminológica entre primos cruzados e paralelos devido a uma mudança social estimulada pelo declínio demográfico, por ataques de grupos externos e pela intensa influência da sociedade nacional, entre outros fatores. Wagley (1977, p. 100) também afirma que, mesmo durante o curto período de observação etnográfica, a partir de 1935, houve uma diminuição no uso de termos de pais classificatórios para tia materna e tio paterno, com o emprego uso frequente de termos descritivos, como *xeu uraní* 'irmãzinha da minha mãe' para tia materna, em vez de *ampí* 'mãe'. Referindo-se às observações feitas em Shapiro (1968), ele atribui essas mudanças ao declínio da família extensa matrilocal e à ênfase da família nuclear como a unidade social central na sociedade Tapirapé. Além disso, observe-se que nossa análise dos termos para irmãos e primos na Figura 3 identificou uma mudança de um sistema anterior que distinguiu primos cruzados e paralelos para um que os condensa, de acordo com a hipótese de Wagley (1977), como também a mudança de uma primeira geração ascendente de fusão bifurcada para um sistema colateral bifurcado, como se vê na Figura 2<sup>11</sup>. É importante notar também que, apesar de muitos grupos terem sofrido depopulação após o contato, apenas alguns da nossa amostra apresentam um sistema de terminologia para irmãos semelhante ao do Tapirapé, o que ressalta a dificuldade em fazer previsões claras sobre o impacto de fatores sociais, históricos e demográficos na terminologia de parentesco.

Aqui, apresentou-se uma metodologia para examinar as mudanças de traços culturais ao longo do tempo dentro de sociedades falantes de línguas da mesma família linguística por meio da qual esses desenvolvimentos puderam ser inferidos e certas hipóteses, testadas. Métodos filogenéticos comparativos, com enfoque na catalogação e na classificação de observações sobre línguas e culturas atuais, aperfeiçoam o nível de sistematização do trabalho etnológico e ajudam no diálogo com outras disciplinas, como a Linguística Histórica, gerando e testando hipóteses explícitas sobre o passado.

Neste trabalho, testaram-se algumas hipóteses sobre o sistema de parentesco da língua Proto-Tupí-Guaraní, usando a diversidade tipológica observada nos sistemas das línguas atuais. Os resultados confirmam algumas afirmações já feitas através de reconstrução linguística, como a derivação de certos termos avunculares e materterais a partir dos termos para os pais, a distinção de idade relativa nos termos para irmãos do mesmo sexo do que o ego, e a variação dos termos para irmãos de acordo com o sexo do ego referente. Também se pôde afirmar através de nossa análise que os primos paralelos foram tratados terminologicamente da mesma forma do que os irmãos em PTG, diferentemente dos primos cruzados. Embora mais trabalhos devam ser feitos sobre os termos para as demais gerações em PTG, no intuito de melhor entender o sistema em sua totalidade, este pequeno estudo de caso apresentou uma abordagem possível para pensar e fazer inferências sobre o passado, usando a diversidade atual e uma aproximação da história das populações na forma de uma filogenia linguística.

---

<sup>11</sup> Balée (2014) observa a tendência para uma mudança de um sistema de parentesco de fusão bifurcada para um sistema colateral bifurcado na primeira geração ascendente nos dados de Ka'apor, coletados posteriormente aos usados neste estudo. Todavia, os dados não são claros em relação ao tratamento dado aos primos.

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi financiada pelo *British Academy International Partnership Mobility Award*, por apoio concedido a J. B. e F. M. J. (PM160281), e também contou com o apoio do *European Research Council*, sob o programa de pesquisa e inovação *European Union's Horizon 2020* (projeto 639291, *Starting Grant VARIKIN*), e do *Leverhulme Research Fellowship* (47690), com apoio concedido a F. M. J., e da Fundação Volkswagen, com apoio concedido a J. B. por meio do programa *Documentation of Endangered Languages* (DoBeS) 92.740. Também somos gratos aos colegas pesquisadores, especialmente Rosa Vallejos Yopán, Warren Thompson, Eva-Maria Roessler, Marina Magalhães, Carlos Fausto, Louis Forline, Gustavo Godoy, Wolf Dietrich, Françoise Rose, Zach O'Hagan e Sebastian Drude, que contribuíram com informações e esclarecimentos sem os quais este trabalho dificilmente teria avançado. Nossos agradecimentos vão ainda para os editores e os pareceristas anônimos do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, que, com suas críticas e sugestões, ajudaram a dar o formato atual deste artigo.

## REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595.
- ARAUJO, Antonio de. **Catecismo na lingoa brasilica, no qual se contem a summa da doctrina christã**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618.
- ARNAUD, Expedito; GALVÃO, Eduardo. Notícia sobre os índios Anambé (Rio Caiari, Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, Belém, n. 42, p. 1-18, set. 1969.
- ARNAUD, Expedito. A terminologia de parentesco dos índios Asurini. **Revista do Museu Paulista, Nova Série**, São Paulo, n. 14, p. 105-119, 1963.
- BALÉE, William. Charles Wagley on changes in Tupí-Guaraní kinship classification. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 3, p. 645-659, set./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000300007>.
- BARBOSA, A. Lemos. **Curso de Tupi Antigo: gramática, exercícios, textos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- BOAS, Franz. **Race, language and culture**. New York: Macmillan, 1948.
- BOAS, Franz. The methods of Ethnology. **American Anthropologist, New Series**, Hoboken, v. 22, n. 4, p. 311-321, 1920.
- CORMIER, Loretta A. **Kinship with monkeys: the Guajá foragers of eastern Amazonia**. New York: Columbia University Press, 2003.
- CORRÊA-DA-SILVA, Beatriz Carretta. **Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: relações linguísticas e implicações históricas**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- CURRIE, Thomas E.; MACE, Ruth. Evolution of cultural traits occurs at similar relative rates in different world regions. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, London, v. 281, n. 1795, p. 20141622, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1098/rspb.2014.1622>.
- DIETRICH, Wolf. Conservação e inovação no campo léxico do parentesco: o caso do Mbyá e do Guaraní paraguaio (Tupí-Guaraní). **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 195-216, jul. 2014.
- DIETRICH, Wolf. **El idioma Chiriguano: gramática, textos, vocabulário**. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986. (Colección Amerindia).
- DOOLEY, Robert A. **Léxico Guaraní, dialeto Mbyá com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística**. Cuiabá: Summer Institute of Linguistics, 2006.
- DOUSSET, Laurent. Understanding human relations (kinship systems). In: THIEBERGER, Nicholas (ed.). **The Oxford handbook of linguistic fieldwork**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 209-234. DOI: <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199571888.013.0010>.



DRUDE, Sebastian. [Correspondência]. Destinatário: Joshua Birchall. [S.l.], abr. 2018. E-mail.

DUMONT, L. The Dravidian kinship terminology as an expression of marriage. *Man*, New York, v. 53, p. 34-39, Mar. 1953. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/2794868>.

DUNN, Michael. Language phylogenies. In: BOWERN, Claire; EVANS, Bethwyn (ed.). **The Routledge handbook of historical linguistics**. London: Routledge, 2015. p. 190-211.

EPPS, Patience. Historical linguistics and socio-cultural reconstruction. In: BOWERN, Claire; EVANS, Bethwyn (ed.). **The Routledge handbook of historical linguistics**. London: Routledge, 2015. p. 579-597.

FAUSTO, Carlos. De primos e sobrinhas: terminologia e aliança entre os Parakanã (Tupí) do Pará. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (org.). **Antropologia do parentesco: estudos ameríndios**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. p. 61-119.

GALVÃO, Eduardo. Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Rio Xingu. **Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 1-56, 1953.

GALVÃO, Eduardo; WAGLEY, Charles. O parentesco Tupi-Guarani. **Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-24, jan. 1946.

GARCIA, Uirá Felipe. **Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-26072011-145355>.

GRAY, Russell D.; GREENHILL, Simon J.; ROSS, Robert M. The pleasures and perils of darwinizing culture (with phylogenies). **Biological Theory**, Berlin, v. 2, n. 4, p. 360-375, Dec. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1162/biot.2007.2.4.360>.

GRENAND, Françoise. **Dictionnaire wayâpi-français: lexique français-wayâpi**. Paris: Peeters: SELAF, 1989. (Langues et Sociétés d'Amérique Traditionnelle, v. 1).

GUASCH, Antonio. **El idioma guaraní: gramática, lecturas, vocabulario doble**. 2. ed. Buenos Aires: J. Torres, 1948.

HOELLER, Alfredo. **Guarayo-Deutsches Wörterbuch**. Hall in Tirol: Verlag der Missionprokura der P. P. Franziskaner, 1932.

HOLMBERG, Allan R. **Nomads of the long bow: the Siriono of Eastern Bolivia**. Washington: Smithsonian Institution: Institute of Social Anthropology, 1950. (Publication, n. 10).

HURALT, Jean-Marcel; FRESNAY, P. Les indiens Émerillon de la Guyane Française. **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, n. 52, p. 133-156, 1963.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupí-Guaraní morphosyntax. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (ed.). **Handbook of Amazonian languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. v. 4, p. 487-618.

JORDAN, Fiona. A phylogenetic analysis of the evolution of Austronesian sibling terminologies. **Human Biology**, Washington, v. 83, n. 2, p. 297-322, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.3378/027.083.0209>.

JULIÃO, Maria Risolêta Silva. **Aspects morphosyntaxiques de l'Anambé**. 2005. Thesis (PhD in Linguistics) – Université Toulouse-Le Mirail, Toulouse, 2005.

KAKUMASU, James Y.; KAKUMASU, Kiyoko. **Dicionário por tópicos Kaapor-Português**. Cuiabá: Associação Internacional de Linguística-SIL Brasil, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. A estrutura do parentesco tupí. In: GUDSCHINSKY, Sarah C. (ed.). **Estudos sobre línguas e culturas indígenas**. Brasília: Instituto Linguístico de Verão, 1971. p. 174-212.

LEMLE, Miriam. Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family. In: BENDOR-SAMUEL, David (ed.). **Tupi studies I**. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma, 1971. p. 107-129. (Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields, v. 29).



- LÉVI-STRAUSS, Claude; KUSSELL, Peter. Interview: Claude Lévi-Strauss. **Diacritics**, Baltimore, v. 1, n. 1, p. 44-50, 1971.
- MACDONALD, J. Frederick. Some considerations about Tupi-Guarani kinship structures. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, Belém, n. 26, p. 1-20, 1965.
- MACE, Ruth; PAGEL, Mark. The comparative method in Anthropology. **Current Anthropology**, Chicago, v. 35, n. 5, p. 549-564, 1994.
- MADDISON, Wayne P.; MADDISON, David R. **Mesquite**: a modular system for evolutionary analysis. Versão 3.40. Corvallis, OR, 2018.
- MEIRA, Sérgio; DRUDE, Sebastian. A summary reconstruction of proto-Maweti-Guaraní segmental phonology. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 10, n. 2, p. 275-296, maio/ago. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222015000200005>.
- MEIRA, Sérgio; DRUDE, Sebastian. Sobre a origem histórica dos "prefixos relacionais" das línguas Tupí-Guaraní. **Cadernos de Etnolinguística**, v. 5, n. 1, p. 1-30, maio 2013.
- MELLO, Antônio Augusto Souza. **Estudo histórico da família linguística Tupí-Guaraní**: aspectos fonológicos e lexicais. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.
- MICHAEL, Lev; CHOUSOU-POLYDOURI, Natalia; BARTOLOMEI, Keith; DONNELLY, Erin; MEIRA, Sérgio; WAUTERS, Vivian; O'HAGAN, Zachary. A Bayesian phylogenetic classification of Tupí-Guaraní. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 193-221, jul./dez. 2015.
- NUNN, Charles L. **The comparative approach in evolutionary anthropology and biology**. Chicago: University of Chicago Press, 2011.
- O'HAGAN, Zachary. Restructuring of Proto-Omagua-Kukama kin terms. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 1, p. 65-78, jan./abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000100005>.
- PEGGION, Edmundo Antônio. **Forma e função**: uma etnografia do sistema de parentesco Tenharim (Kagwahív, AM). 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- RAMIREZ, Henri; VEGINI, Valdir; FRANÇA, Maria Cristina Victorino de. O warázu do Guaporé (tupi-guarani): primeira descrição linguística. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 411-506, jul./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v17i0.8647468>.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupi culture. In: CARLIN, Eithne B.; VAN DE KERKE, Simon (ed.). **Linguistics and Archaeology in the Americas**: the historization of language and society. Leiden: Brill, 2010. p. 1-10. (Brill's Studies in Indigenous Languages of the Americas, v. 2).
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As consoantes do Proto-Tupí. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (org.). **Línguas e culturas Tupí**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007. v. 1, p. 167-203.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As vogais orais do Proto-Tupí. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (org.). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora UnB, 2005. p. 35-46.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; DIETRICH, Wolf. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní. **Diachronica**, Amsterdam, v. 14, n. 2, p. 265-302, Jan. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1075/dia.14.2.04rod>.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27-28, p. 33-53, 1985.
- ROSE, Françoise. [Correspondência]. Destinatário: Joshua Birchall. [s.l.], mar. 2018. E-mail.
- ROSE, Françoise. On male and female speech and more: a typology of categorical gender indexicality in indigenous South American languages. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 81, n. 4, p. 495-537, 2015.
- RUIZ DE MONTOYA, Antonio. **Tesoro de la lengua guarani**. Madrid: Iuan Sanchez, 1639.



- SCHLEICHER, Charles O. **Comparative and internal reconstruction of the Tupi-Guarani language family**. 1998. Thesis (PhD in Linguistic) – University of Wisconsin, Madison, 1998.
- SEKI, Lucy. **Gramática Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. (Coleção Pesquisas).
- SHAPIRO, Judith. Tapirapé kinship. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, Belém, n. 37, p. 1-37, 1968.
- SILVA, Cristhian Teófilo da. **Cativando Maira: a sobrevivência Avá-Canoeiro no alto rio Tocantins**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- THOMPSON, Warren. Kin on the Wing: patterns in residence, mobility, and alliance for Ache hunter-gatherers. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 1, p. 131-145, jan./abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.812.22019000100009>.
- TYLOR, Edward E. On a method of investigating the development of institutions applied to the laws of marriage and descent. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, Hoboken, v. 18, n. 3, p. 245-272, 1889.
- VALLEJOS, Rosa; AMÍAS MURAYARI, Rosa. **Diccionario Kukama-Kukamiria Castellano**. Iquitos: Programa de Formación de Maestros Bilingües de la Amazonía Peruana-FORMABIAP: Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana-AIDSESP: Instituto Superior de Educación Público Loreto-ISEP, 2015. (Construyendo Interculturalidad).
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; FAUSTO, Carlos. La puissance et l'acte. La parenté dans les basses terres de l'Amérique du Sud. **L'Homme**, Paris, n. 126-128, t. 33, p. 141-170, 1993.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Araweté: os deuses canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- WAGLEY, Charles. **Welcome of tears: the Tapirapé indians of Central Brazil**. New York: Oxford University Press, 1977.
- WALKER, Robert S.; WICHMANN, Søren; MAILUND, Thomas; ATKISSON, Curtis J. Cultural phylogenetics of the Tupi language family in lowland South America. **PLoS ONE**, São Francisco, v. 7, n. 4, p. e35025, Apr. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0035025>.
- WEISS, Helga E. Kayabí (Tupian) kinship terminology. In: MERRIFIELD, William R. (ed.). **South American kinship: eight kinship systems from Brazil and Colombia**. Dallas: International Museum of Cultures, 1985. p. 113-122. (Publications in Ethnography, v. 18).

